

Comunicado de Imprensa

ÂNGELA FERREIRA. HERE I STAND

24.10.26 — 28.02.27

Ângela Ferreira, pioneira na abordagem artística da perspetiva pós-colonial

O MAC/CCB apresenta, a partir de 24 de outubro e até 28 de fevereiro de 2027, *Here I Stand*, exposição de Ângela Ferreira, que reúne 25 obras e instalações produzidas entre 1992 e 2026, mostrando uma ampla representação da sua prática artística. Com obras como *Site and Services* (1991–1992*)*, *Indépendance Cha Cha* (2014), *Rádio Voz da Liberdade* (2022) ou *Stone Free (Zama Zama)* (2026), Ângela Ferreira analisa as consequências do colonialismo no passado e nas sociedades atuais.

Através de instalações, esculturas, desenhos e imagens fílmicas geradas a partir de um intenso trabalho de investigação em torno de arquivos, figuras históricas, arquiteturas e espaços vinculados à experiência colonial, a artista examina situações e realidades concretas da história social, cultural e política do continente africano. Do mesmo modo, atenta às questões feministas e raciais, cria obras como *1 Million Roses for Angela Davis*, dedicada a uma figura de referência da resistência antirracista.

Ferreira trabalha sempre contra o esquecimento. A sua arte não pretende oferecer uma versão fechada do passado colonial, mas antes mostrar que a história é construída a partir de relatos, imagens e estruturas de poder que podem e devem ser revistos.

Nas palavras da curadora da exposição, e diretora artística do MAC/CCB, Nuria Enguita, Ângela Ferreira é «pioneira na abordagem artística da realidade pós-colonial. A sua prática está vinculada a uma experiência de vida moldada por uma identidade híbrida, orientada por uma atitude ética e comprometida que entende a arte como uma forma de pensar a contemporaneidade.»

Já a artista faz o seguinte balanço: «Olhando para trás, preparando esta exposição, dou-me conta de que o meu trabalho continua a ser sobre liberdade. Continua a ser construtivamente engajado com África e com Portugal. E essas são as ambições que eu tinha, desde menina, e que eu acho que consegui concretizar, de alguma maneira, ao longo do tempo. Quando vim viver para Portugal, com 29 anos, a minha principal ambição foi trabalhar nas relações entre África e Portugal.»

SOBRE A EXPOSIÇÃO

Nascida em 1958 em Maputo, Moçambique, à época ainda uma colónia portuguesa, Ângela Ferreira viveu durante os anos do apartheid na África do Sul, onde se formou em Belas-Artes na Michaelis School of Fine Arts, na Universidade da Cidade do Cabo. Atualmente vive e trabalha em Lisboa, onde desenvolve uma atividade docente fortemente influenciada pelas suas práticas criativas.

O pensamento pós-colonial, que analisa as consequências do colonialismo no passado e nas sociedades atuais, encontra nas práticas artísticas de Ângela Ferreira uma rigorosa expressão visual. O questionamento da forma como a Europa e o Ocidente impuseram — ou negaram — conhecimentos, identidades e ideias aos povos colonizados, bem como a denúncia das consequências dessa dominação e dos posteriores processos de libertação nacional, configuram uma tentativa de compreender a realidade concreta de um tempo e de um lugar culturalmente localizados. No mesmo sentido, constituem uma interrogação crítica profunda sobre os fundamentos que instituem os nossos modos de vida.

Ferreira procura desmantelar a amnésia histórica e o silêncio associados à colonização e aos seus efeitos, e fá-lo através da recuperação do popular e do vernacular — assinalando, por exemplo, a importância da rádio nos processos de libertação. Atenta às questões feministas e raciais, desenvolve uma crítica a quaisquer formas de poder absoluto, cultural ou político, denunciando os mecanismos de assimilação do discurso da alteridade que se disfarçam sob o manto do «reconhecimento».

Investigando a relação entre estruturas arquitetónicas, formas de vida e relações de poder, Ferreira indaga sobre o valor das coisas e a possibilidade de compreender a sociedade através da sua produção material e simbólica. Os materiais, os objetos e o seu design participam na construção de valores religiosos, sociais e políticos, e a sua expansão depende do poder económico que os produz. É aí que se revelam também outras tensões, entre tradição e

desenvolvimento, entre produção industrial e artesanal, entre o pensamento mágico e a racionalidade instrumental, bem como a ambivalência emocional perante a emergência de um sistema económico que, enquanto promete progresso, ameaça formas de vida e tradições.

Estas estratégias observam-se em obras que permitem compreender alguns dos eixos essenciais do trabalho de Ângela Ferreira:

- Em *Indépendance Cha Cha* (2014), a artista revisita as promessas incumpridas da modernidade colonial e as expetativas geradas pelas independências africanas.
- Em *Adventures in Mozambique and the Portuguese Tendency to Forget* (2015), questiona a autoridade dos arquivos e das formas coloniais de produzir conhecimento.
- Em *1 Million Roses for Angela Davis* (2020), articula geografias e momentos históricos da luta antirracista para recuperar uma memória internacional da resistência.
- Em *Stone Free (Zama Zama)* (2026), mostra as contradições do extrativismo colonial e as suas consequências, a pobreza e o sonho de uma vida livre.

A arquitetura, o som, o arquivo e as esculturas, assim, tornam-se instrumentos para interrogar aquilo que permanece oculto sob as narrativas oficiais. A prática artística de Ferreira demonstra que a descolonização consiste não apenas na revisão do passado, mas também na transformação do modo como esse passado determina a nossa compreensão do presente.

EM DETALHE

Sites and Services
1991–1992

A instalação articula doze fotografias a cores, um desenho a pastel e quatro esculturas de chão. A génese do trabalho remonta a 1991, quando a artista registou em diapositivos de 35 mm a área de Khayelitsha, na periferia da Cidade do Cabo, atentando nos sanitários de betão cinzento, isolados em lotes suburbanos antes do início das construções. As fotografias serviram de inspiração para desenhos arquitetónicos de cariz expressionista que representavam estruturas interligadas; estes desenhos, por sua vez, sugerem as formas abstratas de esculturas rudimentares fabricadas com os mesmos materiais de construção presentes no terreno — betão, chapa ondulada e tubos de plástico branco. Desta forma, a obra alude à prática artística modernista e aos processos de construção civil.

O título remete diretamente para uma política de planeamento urbano do regime do apartheid que disponibilizava infraestruturas básicas (lotes, vias públicas, saneamento e pontos de água) para que os próprios residentes erguessem as suas casas. Tratava-se de uma estratégia que, embora visasse responder à urbanização acelerada, funcionava primordialmente como um instrumento político de controlo e segregação dos *townships*.

Atraída pela vastidão, aridez e qualidade austera daquela paisagem, Ferreira vislumbrou nesses elementos uma arquitetura alternativa. Mais do que uma crítica direta à governação, a obra expõe as profundas ambiguidades e complexidades da realidade social sul-africana e propõe uma reflexão de carácter estético e político: a marginalização da habitação e do saneamento, a pobreza, a uniformidade, a produção em massa, e a procura de condições dignas.

Realistic Manifesto
2022

Realistic Manifesto traz para primeiro plano a ideia de reciclagem de formas complexas e interligadas. Por um lado, a artista recicla literalmente maquinaria, mobiliário e estruturas arquitetónicas do seu quotidiano que já não funcionavam — ferramentas de carpintaria, eletrodomésticos a gás, uma mesa de laboratório e grades de proteção. Por outro, as obras inspiram-se no seu estudo persistente do projeto artístico do construtivismo russo e das propostas utópicas e vanguardistas de arte política do início do século XX. A artista referencia a obra de Naum Gabo (1890–1977), que procurava a perfeição no estudo tridimensional do tempo, espaço e linha. O título é adaptado do manifesto que Gabo escreveu com Antoine Pevsner, lido e distribuído como cartaz na abertura de uma exposição com Gustav Klucis em Moscovo, no dia 5 de agosto de 1920.

Por fim, a artista recorre também ao seu arquivo pessoal, reimprimindo retratos antigos onde surge com o seu fato-macaco no pátio da Michaelis School of Fine Art, na Universidade do Cabo, por volta de 1980. Neles, encena uma linguagem gestual com círculos de plexiglas vermelho, semelhantes àqueles que utiliza nas novas esculturas da exposição.

Esta série de obras remete para os movimentos operários, o abastecimento de gás, linhas geográficas e revoluções, bem como para o entrelaçamento dos diferentes discursos em torno dos movimentos de arte abstrata e da geopolítica do século XX.

1 Million Roses for Angela Davis
2020

Esta obra destaca Angela Davis e a forma como se tornou um símbolo político durante a Guerra Fria, salientando a sua relação com o bloco oriental, nomeadamente a União Soviética e Alemanha Oriental (RDA). Ao passo que os críticos do modelo americano viam no Leste uma alternativa ao capitalismo e ao racismo, esses regimes recorriam também à censura e à manipulação da informação. Davis foi usada, pela RDA, como prova da opressão ocidental e, nos EUA, rotulada como uma ameaça, servindo de instrumento de propaganda no contexto de uma intensa disputa simbólica que foi retratada em jornais e pósteres da época.

A proposta artística de Ângela Ferreira em homenagem a Davis estrutura-se em dois eixos: uma escultura inspirada numa prensa tipográfica (representando os *media* e as ferramentas políticas de propaganda) e uma componente audiovisual. O vídeo agrega diferentes elementos arquivísticos, articulando imagens de Davis nos EUA com áudios de louvor da RDA, e registos da sua passagem pela RDA com os relatos americanos que a classificavam como terrorista. A peça relaciona ainda a trajetória de Angela Davis com a da poeta moçambicana Noémia de Sousa, utilizando estas contradições históricas para refletir sobre a Guerra Fria, a propaganda e a sua influência na contemporaneidade.

Indépendance Cha Cha
2014

Esta obra nasceu da participação de Ângela Ferreira na Bienal de Lubumbashi, na República Democrática do Congo, em 2013, e foi apresentada pela primeira vez em Portugal no espaço Lumiar Cité, em Lisboa, em 2014. A peça é constituída por uma escultura que evoca a arquitetura colonial da década de 1950 presente no centro urbano de Lubumbashi, capital de Katanga, província rica em minerais do então denominado Congo Belga, com inspiração direta no trabalho do arquiteto belga Claude Strebelle.

A estrutura escultórica articula-se com as condições arquitetónicas do espaço expositivo do MAC/CCB, e serve também como ecrã para a projeção de dois

vídeos. O primeiro documenta a performance organizada pela artista para a Bienal de Lubumbashi, na qual dois cantores interpretam o poema/canção «Je vais entrer dans la mine», cantado em Kibemba, a antiga língua predominante na região. A letra recupera a carta de um homem à sua mãe, expressando os seus receios em relação à morte no contexto do trabalho forçado nas minas. O segundo vídeo, que dá o título à obra, mostra a banda do Park Hotel de Lubumbashi a interpretar «Indépendance Cha Cha». Este hino emblemático dos movimentos de independência dos países francófonos da década de 1960 foi escrito pelo músico congolês Joseph Kabasele, em Bruxelas, na noite em que o governo belga e a comitiva congolesa alcançaram o acordo para a data de independência do país.

Untitled '98
1998

Esta performance consiste numa sequência de exercícios de ginástica aeróbica filmada no Estádio Nacional, em Lisboa, Portugal. A arquitetura deste estádio permaneceu praticamente inalterada desde a sua construção, em 1940. A memória dos festivais de ginástica do Estado Novo que outrora ali se realizaram é aqui evocada através das imagens desfocadas. O vídeo marca um encontro entre os eventos organizados pela Mocidade Portuguesa durante o regime de Salazar e a coreografia contemporânea.

PEGA
2000

Este vídeo, que consiste numa compilação editada de imagens de uma performance da artista, apresenta uma coreografia que combina alusões tauromáquicas e sexuais, evocando o momento em que a toureira enfrenta o touro numa tourada à portuguesa. A câmara assume o ponto de vista do animal, que acaba por mergulhar no sexo da mulher.

Adventures in Mozambique and the Portuguese Tendency to Forget
[Texto de Elvira Diangany Ose]
2015

Adventures in Mozambique and the Portuguese Tendency to Forget (2015) baseia-se na vida e obra dos antropólogos Jorge e Margot Dias, cuja investigação sobre o povo maconde, de Moçambique, lhes trouxe reconhecimento internacional nas décadas de 1960 e 1970. As suas monografias *Os Macondes de Moçambique* são leituras essenciais para compreender a cultura, os rituais e os aspetos socioeconómicos dessa sociedade. A pesquisa de Ângela Ferreira desvela a importância desse trabalho para a nova antropologia, mas também expõe a agenda política subjacente às investigações do casal e as suas alianças com o regime salazarista.

Como aponta o antropólogo Harry G. West, o casal debateu-se continuamente

com o dilema entre a adesão ao poder autoritário e a resistência ao mesmo. Foi esta história de ambiguidade e ambivalência que cativou a artista. A intenção de Ângela Ferreira passa não apenas por disponibilizar provas mas também por desafiar o público a construir outra história a partir da sua remontagem do imaginário dos antropólogos.

Ferreira mergulha em particular nos diários de Margot Dias, subvertendo o seu olhar colonial através de uma viragem crítica que transforma a própria investigadora no objeto de estudo de outra investigadora. A obra relaciona-se diretamente com a memória: a memória dos acontecimentos de uma história não contada e a institucionalização dessa memória não cumprida, que permaneceu escondida durante décadas nos arquivos do antigo Ministério do Ultramar, atual Ministério da Defesa.

Stone Free (Zama Zama)
2026

Esta proposta captura dois momentos evocativos específicos: a imagem de uma torre mineira construída numa área rural de Moçambique em meados da década de 1970, que remete para a imagem de um monumento à utopia africana e é representada numa torre suspensa e flutuante; e uma canção de Jimi Hendrix de 1966, intitulada «Stone Free».

Os dois filmes que aparecem na estrutura dão continuidade à extensa série de obras de Ângela Ferreira que investiga as modalidades contemporâneas da mineração; no ecrã mais pequeno, apresenta-se uma colagem dos filmes *Zama Zama* centrada na vertente artesanal desta prática. Na África do Sul, existem pelo menos seis mil poços de mina não selados, abandonados por grandes empresas mineiras. Os mineiros artesanais, também conhecidos como *zama zama*, arriscam a vida nestas minas, trabalhando em condições de extrema precariedade para ganhar a vida. Na sua maioria, estas operações informais são consideradas ilegais pelo governo.

O ecrã maior é o resultado de uma colaboração com o músico português Scúru Fitchádu. Ferreira desafiou Fitchádu a responder às imagens e às questões em torno dos mineiros *zama zama* e a criar o seu próprio filme musical — uma interpretação pessoal de «Stone Free». A letra, em crioulo cabo-verdiano, é complementada por proclamações em português de mineiros moçambicanos («já estamos mortos») e frases em isiZulu («ritos de liberdade») da banda sul-africana Shameless. O som *punk*, eletrónico e cru, e a performance que o acompanha estabelecem uma equivalência formal com as duras condições de trabalho dos mineiros retratadas na obra.

Rádio Voz da Liberdade
2022

A Rádio Voz da Liberdade (1962–1974), emitida a partir de Argel pela RTA

(Radiodiffusion Télévision Algérienne), constituiu um pilar fundamental na luta antifascista e anticolonial contra o regime do Estado Novo. Transmitida para Portugal e para as suas colónias, serviu de porta-voz aos opositores da ditadura salazarista, aos líderes dos movimentos de libertação africanos que batalhavam pela independência e às ativistas pelos direitos das mulheres, integrando as suas reivindicações na luta pela emancipação dos povos.

Ambas as estações operaram como rádios-irmãs, nascidas da resistência e moldadas pelo combate na guerra das ondas de rádio contra o poder colonial. Esta memória histórica materializa-se através de um projeto que liga arte e arquitetura. Destacam-se duas esculturas inspiradas em ilustrações de selos da década de 1960 cujo vocabulário construtivista evoca obras icónicas como a Torre de Tatlin, a par de grandes murais baseados em fotografias e material de arquivo que documentam o percurso destes meios de comunicação revolucionários.

A homenagem à Rádio Voz da Liberdade salienta o papel crucial da radiodifusão nas lutas de libertação globais. Ao dar forma concreta às radiofrequências clandestinas, a obra situa a criação artística num discurso político que visibiliza um processo histórico partilhado entre as duas margens do Mediterrâneo. Deste modo, inverte a perspetiva colonial e põe em relevo a solidariedade internacional que contribuiu decisivamente para o caminho rumo à Revolução dos Cravos e à queda da ditadura.

Zip Zap Circus School
2000 – 2026

Zip Zap Circus School é uma instalação que nasce de dois estímulos: a imagem de uma maquete de um projeto não construído de Mies van der Rohe para o museu da família Kröller-Müller, e o desejo de trabalhar a arquitetura como ideia — como algo que se deseja ou um sonho para o qual se trabalha.

A obra centra-se na escola Zip Zap, um projeto educativo para crianças da Cidade do Cabo ao qual faltava uma sede permanente. O arquiteto moçambicano Pancho Guedes desenhou um projeto especulativo, apresentado em 1996, que nunca chegou a ser edificado. Ângela Ferreira, por sua vez, construiu à escala real uma parte simbólica desse desenho, em madeira e lona, sobre rodas. Assim, dá à estrutura desejada um corpo efémero, impermanente.

Na sua prática de investigação, a artista encara os edifícios como estruturas antropológicas, sociológicas e políticas. Ferreira reinterpreta planos arquitetónicos irrealizados, demonstrando como estas ideias teóricas podem adaptar-se a novos usos, contextos e vivências humanas.

LISTAGEM DE OBRAS

Zip Zap Circus School
2000–2026
Madeira e pano
350 × 500 × 460 cm; 660 × 500 × 730 cm; 100 × 50 × 200 cm
Cortesia da artista e Cristina Guerra Contemporary Art

1 Million Roses for Angela Davis (Sculpture)
2020
Madeira e metal
400 × 120 × 160 cm
Cópia de exposição
Cortesia da artista
O original pertence à coleção da Albertinum/Dresden State Art Collections

Let My People Go / 1 Million Roses for Angela Davis (Video)
2020
Vídeo, 4:3, cor, som (com legendas em inglês e português), 11'47", loop
Cópia de exposição cortesia da artista
O original pertence à coleção da Albertinum/Dresden State Art Collections

Sites and Services
1991–1992
Impressão Cibachrome (12 elementos); cimento, aço, madeira, PVC, zinco e alumínio
30 × 40 cm (cada impressão); 120 × 110,5 × 110,5 cm; 160 × 120 × 80 cm; 19 × 65 × 237 cm; 100 × 70 × 220 cm
Coleção Nacional de Arte Contemporânea – Portugal

From the Sites and Services Series
1991
Pastel sobre papel Fabriano (díptico)
98 × 68 cm (cada)
Coleção Norlinda e José Lima, em depósito no Centro de Arte Oliva

Realistic Manifesto 3 Components (self-portrait – performance at Michaelis circa 1981)
2022
C-print sobre Alucolic
90 × 63 cm cada
Cortesia da artista e NF/NIEVES FERNANDEZ

Realistic Manifesto – Burglar Bar
2022
Ferro pintado, plexiglas, fio de nylon, cabo de aço

102 × 80 × 16 cm
Coleção Diogo Bento & Ricardo Costa

Realistic Manifesto – Gas Water Heater
2022
Ferro, cobre, PVC, coluna, som
180 × 110 × 140 cm
Cortesia da artista e NF/NIEVES FERNANDEZ

Realistic Manifesto – Lathe
2022
Ferro, MDF, plexiglas, alumínio, baquelite
170 × 156 × 104 cm
Cortesia da artista e NF/NIEVES FERNANDEZ

Indépendance Cha Cha
2014
Pinho, MDF, ecrãs translúcidos e opacos, 2 vídeos (cor, som alternados), 5'9", loop
257 × 1350 × 250 cm
Coleção de Arte da Fundação EDP

Compósitos* (*Indépendance Cha Cha)
2014
Impressões fotográficas e grafite sobre papel Fabriano (4 elementos)
100 × 70 cm (cada)
Coleção de Arte Fundação EDP

Stone Free (Zama Zama)
2026
Madeira, latão (bidão), cabos de aço e vídeo (2 projeções frontais)
530 × 180 × 180 cm
Ecrã maior: «Stone Free», escrita e composta por Scúru Fitchádu, intervenções em isiZulu por Musa (Shameless band), 4'11" (loop); ecrã pequeno: *Zama Zama*, 4'03" (loop)
Cortesia da artista e Cristina Guerra Contemporary Art

La Voix de l'Algérie Libre et Combattante
2022
Alumínio, MDF, folha de faia, rede metálica, ferro, aço, cobre, cabo de aço
500 × 109 × 109 cm (torre); 800 × 182 × 6 cm (elipses)
Cópia de exposição
Cortesia da artista
Sammlung der Kunsthalle Recklinghausen

Rádio Voz da Liberdade

2022
Alumínio, MDF, PVC, ferro
330 × 230 × 190 cm
Collection du Frac Sud — Cité de l'art contemporain

Rádio Fanon
2022
MDF, PVC, plexiglas, monitor de televisão
70 × 190 × 120 cm
Cortesia da artista e Cristina Guerra Contemporary Art

Patrouille à l'Est d'Amar Laskri
1971
Filme em 35 mm (convertido para vídeo), som, 115'
Produção: O.N.C.I.C.

Opérateur radio à Radio Algérie II
2022
Tinta acrílica
400 × 230 cm
Cortesia da artista e Cristina Guerra Contemporary Art

Colonialismo vence-se
2022
Tinta acrílica
460 × 320 cm
Cortesia da artista e Cristina Guerra Contemporary Art

Independência para as colónias
2022
Tinta acrílica
Fonte: *As paredes em Liberdade*, *Lobo Mau*, ed. Teorema, 1974
150 × 207 cm
Cortesia da artista e Cristina Guerra Contemporary Art

Études pour Rádio Voz da Liberdade I & II
2022
Selos emoldurados (2 elementos)
37,7 × 29 cm (cada / each)
Collection du Frac Sud — Cité de l'art contemporain

Études pour Rádio Voz da Liberdade I & XVI
2022
Desenhos emoldurados (16 elementos)
Dimensões variáveis
Collection du Frac Sud — Cité de l'art contemporain

Fourteen PIDE Documents
2022
Impressões emolduradas sobre papel Fabriano (14 elementos)
21 × 29 cm (cada)
Collection du Frac Sud — Cité de l'art contemporain

Adventures in Mozambique and the Portuguese Tendency to Forget
2015
16:9, cor, som, 19'15"
Cortesia da artista e Cristina Guerra Contemporary Art

Untitled '98
1998
Vídeo, Mini-DV transferido para DVD, cor, sem som, 4', loop
Cortesia da artista e Cristina Guerra Contemporary Art

PEGA
2000
DVD, cor, som, 4', loop
Cortesia da artista e Cristina Guerra Contemporary Art

3.º ANIVERSÁRIO MAC/CCB

23.10 — 25.10.26

O MAC/CCB celebra o seu 3.º aniversário de 23 a 25 de outubro, com entrada livre. Inauguramos a exposição *Here I Stand*, de Ângela Ferreira, e na Praça CCB instala-se a sua obra de grandes dimensões *Zip Zap Circus School*, que será ativada pela Escola de Circo do Chapitô. A noite de sexta-feira completa-se com o DJ set de Party Smith, e, no sábado, há um concerto do «Ciclo de Música Discreta» com Nkisi e Gonzo, além de conversas em torno da exposição de Frida Orupabo, visitas guiadas e a intervenção de António Guerreiro numa palestra. A Sala Lúdica espera pelos mais pequenos, e aproveitamos a ocasião para apresentar os últimos catálogos publicados, dedicados às exposições *Olhos Múltiplos*, *Terra Crua*, *Cloud of Confusion* e *«May I Help You? Posso Ajudar?» Artes e artistas da década de 1970 em diante*.

23.10.26

18h00 Auditório MAC/CCB
Conversa com Ângela Ferreira e Nuria Enguita
19h00 Piso 0
Inauguração da exposição *Ângela Ferreira. Here I Stand*
19h30 Praça CCB
Performance na *Zip Zap Circus School*, de Ângela Ferreira, por alunos da Escola de Circo do Chapitô, na

20h00 DJ set de Party Smith, Piso 0

24.10.26

11h30, 12h00, 12h30, 14h30, 17h00 e 17h30
Visitas breves de 30 minutos às coleções do MAC/CCB, pela equipa de Educação e Mediação
15h00 Piso - 1
Visita/conversa com a curadora Marta Mestre, o Colectivo FACA (Andreia Coutinho e Maribel Mendes Sobreira) e Ícaro Lira, no contexto da exposição *Frida Orupabo. Cloud of Confusion*
15h00
Forma encontra cor! Atividade em família, para crianças entre os 6 e os 12 anos, pela equipa de Educação e Mediação. Ponto de encontro: receção do museu.
17h00 Piso - 1
Nkisi e Gonçalo F. Cardoso / Gonzo em «Ciclo de Música Discreta»
18h00 Praça CCB
Performance na *Zip Zap Circus School*, de Ângela Ferreira, por alunos da Escola de Circo do Chapitô

25.10.26

11h00
Cozinh'arte. Atividade em família, para crianças entre os 2 e os 5 anos, pela equipa de Educação e Mediação. Ponto de encontro: receção do museu.
11h30, 12h00, 12h30, 14h30, 17h00 e 17h30
Visitas breves de 30 minutos às coleções do MAC/CCB, pela equipa de Educação e Mediação
15h00 Piso 0
Visita/conversa com Ângela Ferreira e Nuria Enguita
16h00 Auditório MAC/CCB
Apresentação dos catálogos lançados em 2026: *Terra Crua*, *Olhos Múltiplos*, *Cloud of Confusion* e *«May I Help You? Posso Ajudar?» Artes e artistas da década de 1970 em diante*
17h00 Auditório MAC/CCB
«A tentação da legibilidade: a dimensão crítica da arte face ao conformismo temático». Palestra de António Guerreiro com apresentação de Nuria Enguita

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

Manuela Costa
Comunicação e Imprensa MAC/CCB
manuela.costa@ccb.pt
+351 925 313 416